Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica **Class.:** NA

Data: 25/01/84 **Pg.:** 05

Índio rebateu as acusações da FUNAI

Índio exibe bananas de dinamite.

Com duas bananas de dinamite nas mãos, o capitão geral dos Sataré-Mawé, Raimundo Pereira da Silva (Dico), que foi acusado pela FUNAI de tentar provocar uma desarmonia entre as relações do órgão e a nação indígena, pediu ontem que fosse divulgado a sindicância realizada na área, para opinião pública saber sobre o crime ecológico e humano praticado pela companhia francesa de prospecção de petróleo, Elf-Aquitaine.

Irritado, Raimundo Pereira da Silva garantiu que a sua tribo não está dividida, como — segundo ele — "deseja o delegado da FUNAI". Ao comparecer ontem a redação deste jornal, Dico reafirmou que existe realmente interesses escusos por parte do delegado Kasuto, de esconder a realidade dos fatos. Assegurou, ao mostrar duas bananas de dinamite que trouxe embrulhada numa folha de jornal, que esse explosivo foi responsável pela morte de quatro índios (intoxicados) e um inválido (explosão).

Raimundo Pereira da Silva, que chegou da reserva dos Sateré-Mawé após ter participado de uma assembléia no rio Maraú, trouxe, com intuito de mostrar à imprensa e desmoralizar a FUNAI, várias fotografias preto e branco da área, onde a companhia Elf-Aquitaine executou trabalhos de prospecções. Mostra como ficou a área devastada, e na clareira terra vermelha-torrado, sob as vistas do tuxaua Donato, no solo encontram-se algumas das dezenas de bananas de dinamite que estavam enterradas.

Magoado, porque a imprensa publicou que ele era o "ovelha negra" da tribo, Dico disse que tudo isso é invenção da FUNAI, que anda tentando dividir o grupo, para tirar proveito da situação. "Todo mundo tem que saber que a FUNAI é uma peste no meio da gente, quando não facilita a morte, facilita as brigas. O delegado é capaz de fazer tudo para maltratar aqueles chefes indígenas que lutam pelo seu povo livre", desabafou Raimundo Pereira da Silva.

"Tudo começou porque denunciamos a façanha da FUNAI junto a Elf-Aquitaine — salientou o capitão-geral dos Sateré-Mawé. Depois explicou que é verdade que alguns Sateré, que trabalham para a FUNAI, são pagos para lhe agredir, com vistas a dividir a tribo dos Sateré-Mawé.